

*...olhar para as crianças e para a arte, mas antes de tudo VIVER,
experimental, experienciar...*

Mariana Americano (*)

Nada poderia dizer mais sobre a minha conexão com a Denise (1) do que esse pequeno trecho de um texto que produzimos juntas. Não conheci ninguém que demonstrasse tanto o quanto gostava de viver do que minha amiga querida. A vida pulsava em seu corpo e em seus pensamentos.

Estar com ela era maravilhar-se com o que estávamos vivendo, mesmo nas horas mais difíceis sua mente não parava, uma atividade mental que buscava a intensidade de cada momento. Uma mente em eterna ebulição! Nossos trajetos até as creches eram longos e nem percebíamos o tempo passar de tantos lugares que nossas conversas nos levavam. E mesmo errando caminhos, não era isso o que nos atrapalhava, entendíamos que os desencontros também faziam parte da trajetória.

Com a Denise aprendi a me encantar com a Arte Contemporânea e a traduzir muito do que sentia quando adentrava as exposições. Me deixar levar pelos sentimentos, pelos detalhes, pelas emoções, mas também perceber o quanto saber mais sobre aquele percurso, aquele processo me levava para outras conexões e possibilidades. E estar ali com ela, nas exposições, era um privilégio enorme, sempre com algo a completar e a instigar. Muitos dos artistas já eram conhecidos dela e assim tínhamos uma sessão histórica na qual ela me relatava detalhes de suas relações com os artistas, aquelas minúcias que não estão nos livros, mas que nos encantam e instigam a querer saber mais. Nunca gostei de entrar nas salas escuras, mais mórbidas; Denise entrava e me contava depois. Era ali naquele universo de coisas novas, de coisas que me atraíam e outras que me repugnavam que nossas melhores inspirações apareciam. Íamos embora com a cabeça fervilhando.

Em nossas conversas sempre me sentia um tanto ignorante; quanto ela tinha a me ensinar e, na verdade, era ela me contagiando com essa vontade, hoje impregnada em mim, de querer saber mais, de amar estudar! Naquela época a gente ainda não usava a Inteligência Artificial e fico só imaginando o quanto a Denise ensinaria para ela.

Blue Blues
F. Hundertwasser, 1994



(1) Denise Nalini - Formadora e Coordenadora de Projetos do Avisa Lá, Pedadoga, Doutora em Educação pela USP. (In memoriam)



The 30 Days - F. Hundertwasser, 1944

Uma parte de seus livros veio compor a minha biblioteca e o nosso preferido era o do artista austríaco Hundertwasser! O quanto estudamos esse livro e fizemos conexões a partir dele em nossas formações nas creches! Pensar na importância da natureza nos ambientes internos e ser contra as linhas retas.... sim, Denise tinha alma de Hundertwasser, o artista das 5 peles, assim como ele, cheia de camadas, de desejos, conexões. Uma busca pelo fluxo da vida e conexão das pessoas. Defendendo seus princípios sem receio do que os outros iriam pensar. Não era só conhecimento que ela transbordava, era atitude! Denise tinha a lateral de uma das pernas inteirinha tatuada.

Uma tatuagem colorida, impossível de não ser notada. Denise chegava e sabia chegar! Era assim, sem cerimônia, falava o que tinha que falar. Eu ficava boba... achava que todo mundo iria surtar e quando percebia as pessoas estavam ali concordando e buscando maneiras de modificar aquilo que Denise tinha apontado. Isso não era em uma, duas e sim em todas as creches que entrávamos, Denise sabia chegar. Quanta admiração!!! Aquele sentimento do tipo... “quando eu crescer quero ser igual a ela”... Foi ela que me apresentou o mundo para fora da bolha em que eu vivia e sempre me alertava com seu olhar sensível para as diferentes realidades sociais desse Brasil afora. Uma de suas falas, lembrada por uma das coordenadoras com quem trabalhamos muito: “Não julguem nenhuma família. A criança ama a família que tem. Cada uma tem sua referência de amor, de cuidado, de lar. Não existe família certa ou errada.”

O problema mesmo era tentar segurar aquelas ideias malucas, grandiosas, aquelas que pareciam impossíveis. Foi assim que organizamos uma exposição com 14 creches no CEU Parelheiros!!!! Uma verdadeira Bienal! Quando ela lançou a ideia, relutei muito dizendo que não seríamos capazes daquela grandiosidade, mas assim como em todos os nossos projetos, Denise enxergava longe e me trazia junto com ela. Precisava de uma parceira que organizasse aquele mundaréu de ideias e que a ajudasse a realizar.

Apreendi ali na raça a ser curadora, montadora e organizadora. Nessa hora, do sufoco só a Coca-Cola descia... um pouco de glicose para me manter em pé. Denise não... precisava mesmo era de comida.... uma das coisas que não abria mão e que lhe dava muito prazer: comer! Dava gosto vê-la provando os mais diversos quitutes.

Era assim, a gente passava o dia todo trabalhando e quando chegava em casa, eu preparada para esticar minhas pernas e descansar um pouquinho, e ela já estava ali me convidando para um sambão! Não tinha preguiça, nem tempo feio, Denise era a mais animada de todas nós e a que nos provocava aos encontros coletivos. Juntou, assim, um par de amigas para viajarem juntas, se divertirem e, no fundo, se apoiarem, pois afinal todas nós vivíamos os mesmos dilemas e ter as amigas por perto era muitas vezes o que nos salvava.

Além do nosso grupo mais próximo, a cada momento Denise ia me apresentando a sua rede mais ampla de amigos queridos, um grupo que agarrou bem as mãos uns dos outros e não soltou mais, falo que são os amigos que a Denise me deu, um sentimento por eles que não tem como explicar.

Tecnologia não era com ela, celular, computador, tudo sempre acabava quebrando e no final dava tudo certo. Quando a gente perdia um texto, escrevia de novo, quando a apresentação não funcionava, a gente seguia no discurso, não tinha stress.

Lygia Clark sempre foi uma de nossas inspirações e para um de nossos trabalhos Denise selecionou esse trechinho:

"Penso que o meu caminhar é maravilhoso, pois agora já não sei o que vem antes, se é a arte em forma de proposições ou a vida que, de repente, se despenca dentro de mim e me traz esse estado de supersensibilidade!" Lygia Clark, 22.1.1970

Relendo agora, vejo que a Denise escolheu esse trecho para falar dela mesma que, assim como a Lygia, também tinha essa supersensibilidade, estava o tempo todo estabelecendo conexões com a vida, com o trabalho, com os sonhos, com os desejos. Ela é nossa referência não só para a arte, mas também para a formação e para a vida, pois articulava como ninguém seus saberes aos saberes das pessoas a sua volta, fossem elas profissionais com os quais trabalhava nas unidades, colegas de trabalho ou amigos.



The Second Skin -
F. Hundertwasser, 1986

Sua história se mistura à história do Avisa lá porque ela não se limitou a passar pelo instituto — ela costurou pontes, abriu diálogos. Muitas formas do nosso fazer carregam sua assinatura. Seu legado não está guardado em pastas ou relatórios, mas pulsa no cotidiano, porque ela nos ensinou que educar é, antes de tudo, um ato de presença, uma ponte para o outro, para o afeto e para o aprendizado.

(*) Mariana Americano - Formadora do Instituto Avisa lá, especialista em Educação Infantil: perspectivas de trabalho em creches e pré-escolas e conselheira fiscal da Associação Pikler Brasil.